15

ALBERTO DE MADUREIRA

Horas Perdidas

COM UM PREFACIO

DE

João Penha

BRAGA
Livraria Escolar-Editora de Cruz & C.ª
RUA NOVA DE SOUZA

1899

OBRAS DE ALBERTO OE MAOUREIRA

Ave-Marias (verso) com um prefacio por Alberto Pinheiro . . . . 1 vol. 1896

A Jornada da India (poema) illustrado com o retrato de Vasco da Gama . . . . 1 vol. 1897

Horas Perdidas (verso) com um prefacio por João Penha . . . . 1 vol. 1899

PARA BREVE:

Chrónicas do amôr (contos)

A SEGUIR:

Noemia (poema)

Pelo meu paiz (Notas de um observador)

0

ALBERTO DE MADUREIRA

Horas Perdidas

COM UM PREFACIO

DE

João Penha

BRAGA
Livraria Escolar-Editora de Cruz & C.ª
RUA NOVA DE SOUZA

1899

Tiraram-se desta edição 2 exemplares em papel *Whatman*, rubricados pelo autor.

Impresso na *Typ. Minerva*, de Famalicão, em abril de mil oito centos noventa e nove

A Thomaz Ribeiro:

Ao conde de Valenças:

Ao talento e aos amigos,

O. D. C.

O autor.

PREFACIO

PREFACIO

Ha em todos os poetas, que realmente o são, o quer que seja da natureza das mulheres, e é talvez por isso que ellas os preferem a outros quaesquer que as requestem, logo que sejam bonitos, elegantes, ricos, e um pouco marquezes. Têm a mesma delicadeza de sentimentos, a mesma sensibilidade affectiva, e o mesmo sonho de chimeras, mas, ao mesmo tempo, os mesmos caprichos incoherentes, a mesma irritabilidade nervosa, e as phantasias originadas no seu espirito voluvel. Alberto de Madureira, que é um verdadeiro poeta, não podia fazer excepção a esta regra de affinidades, e é só a um capricho de mulher bonita que eu attribuo o seu amavel convite de o apresentar ao publico: ao feminino que o namora pelos seus olhos scismadores, pela sua barba negra cuidadosamente talhada, e pela elegancia irreprehensivel do seu vestuario; e ao mas-

culino, que o conhece já desde ha muito pelo seu primeiro livro de versos: *Ave-Marias*, em que ha composições que poderiam ser firmadas por um poeta de renome.

Assim, e embora a minha apresentação seja realmente superflua,—para satisfazer aos seus desejos, que não contrariam a minha boa vontade, ao publico o apresento, como um dos novos poetas, que tendo tido o bom senso e o bom gosto de se não submetter aos decretos de qualquer das escolas reinantes, segue, já com passo bastante firme, pela estrada real que, desde os tempos luminosos da Grecia e Roma, dão ingresso nó symbolico Parnaso.

Nas primeiras poesias de Alberto de Madureira ha todo o lyrismo perfumado de uma alma que sonha e que, com os temores infantis de que o sonho se não realize e se esvaia como o perfume de uma flor, se lamenta como se já sentisse a dôr acerba da perda das illusões. Muitas das suas poesias são de uma ingenuidade deliciosa, e, ao lerem-se, a alma do leitor, distrahida para os mundos vagos do pensamento, pela suggestão produsida por uma phrase, por uma estrophe, sen-

te perfumes de lilazes, vê paisagens longinquas, doiradas pelo sol poente, ouve musicas indecisas que resoam pelas quebradas, e que umas vezes se aproximam, e outras se affastam e esmorecem, a capricho da viração. Na edade do poeta, as paixões sentem-se, mas não se analysam, e como o que mais se sente é aquelle divino enlevo da alma e do corpo, que se chama o amor, — a mulher é quasi o unico assumpto que o inspira, — e ninguem, por esse motivo, o censure porque mesmo em outras edades não ha muito por onde alargar.

Ha a paizagem, o campo, a vida rustica e patriarchal, assumpto que sempre inspirou os maiores poetas:

«Rus! quando ego te adspiciam!» dizia Horacio, na cidade eterna, em meio dos prazeres sensuaes, e da luta das paixões.

Mas, ahi mesmo, a mulher é um adorno indispensavel.

Lá a vemos, com os seus cabellos d'oiro, amamentando o filho dos seus amores, debaixo de arvores copadas, dando alentos, com a sua presença, ao esposo que, de rabiça em punho, lavra o campo de seus paes. Lá a ve-

mos, num sitio recôndito, a lêr num tomo de folhas de setim os versos que ella mesma inspirara, ou, nos olhos do poeta, que os escrevera, o fogo dos desejos, ou o extasiado quebranto dos desejos saciados. Lá a vemos, de braço nu, occupada nos serviços da agricultura, espadelando linho, ordenhando vaccas, ceifando messes, seivando as reprêsas para a irrigação dos prados. Lá a vemos, creança fugida por uma hora ao bulicio das cidades, a presidir alegre, cercada de ruidosos convivas, ao almoço campestre que se ostenta em toalha alvissima, assente na relva, debaixo de plátanos frondosos. Sem ella, a paisagem é deserta e fria: é ella quem a anima, mais que os passarinhos, pelos seus irrequietos movimentos; mais que os múrmuros arroios, pela sonoridade da sua voz argentina ou aveludada; mais que os soes, pela irradiação amorosa de seus olhos, ora tranquillos como um lago, ora agitados como um oceano tempestuoso.

Mesmo para aquelles poetas que, por uma aberração da natureza, ou por motivos secretos que não me é licito revelar, a desadoram, a ella, á mais surprehendente invenção

do Padre Eterno;—ainda para esses infelizes é ella quem lhes suggere as mais vehementes estrophes de uma falsa indignação que reprovo. Nada mais terrivel, por exemplo, que a tremenda satyra de Juvenal: *Mulieres*. As scenas nocturnas do forum, os trechos relativos a Hippia, e á mulher de Claudio — que só depois que o dono do lupanar a põe fóra é que

«lascata viris, sed non satiata recessit»;

a revelação dos mysterios da deusa Bona, e muitos outros episodios, excedem tudo quanto possa imaginar-se de mais tremebundo contra esses nossos queridos anjos, — mas tambem nada mais bello, pela impetuosidade do verso, pela nervosa firmeza das estocadas, pela ferocidade da ironia, e pelo desenho surprehendente dos quadros.

Satira maldita que nem uma só mulher poderá ler sem um desmaio a cada pagina; que nenhum homem deverá ler antes de casar, e muito menos depois; satira que deveria ser lançada ao fogo dos abysmos infernaes, se d'esse modo se não perdesse uma das mais

assombrosas producções do espirito humano! Assim a mulher, ainda debaixo dos seus maus aspectos (imaginarios) é o assumpto quasi forçado de todos os poemas.

Ha ainda, é verdade, a natureza morta, os problemas da metaphysica, e os da luta da humanidade em procura de um bem que nunca se realiza; esses assumptos, porém, e outros semilhantes, são mais proprios de escriptos em prosa, e, apesar de elevados, só a arte por meio dos seus poderosos resursos os poderá revestir da poesia de que realmente carecem.

D'aqui provém que muitos poetas só o são na epoca do cio, finda a qual, esgottado o assumpto, ou esgottados pelo assumpto, atiram o alaude ás ortigas, e lançam-se na prosa escripta, ou na prosa da vida. Só aquelles que, alem de poetas são artistas é que, transposta aquella epoca, em que o sangue referve nas veias, continuam a versejar, tratando ainda o mesmo assumpto como um sonho retrospectivo,—e isto porque o artista só morre quando a morte real o faz desapparecer de entre o numero dos vivos.

Alberto de Madureira fez o seu primeiro

livro de versos na epoca propria, e não podia ficar por ahi porque essa epoca deliciosa ainda continúa e continuará ainda por muito tempo, porque está na lua cheia da sua exuberante mocidade. Finda ella, porém, deixará de poetar? Será como um d'aquelles poetas meteóros, a que ha pouco me referi, que apparecem subitaneamente, e subitaneamente desapparecem?

Não. Neste seu novo livro já o vemos, não unicamente poeta, adorabundo diante do eterno feminino, mas artista tambem, embora hesitante ainda no seu caminhar inquieto pelos escabrosos caminhos do Parnaso. A alma vem comnosco das partes d'onde vimos: a mão faz-se com o tempo, e como Alberto de Madureira tem força de vontade e um profundo amor pelas cousas das letras, será um verdadeiro artista, como já é um delicioso poeta.

Em muitas das suas novas composições, confrontadas com as das *Ave-Marias*, observa-se uma mais larga variação nos elementos decorativos dos themas, mais originalidade nas revelações do pensamento, por vezes ironico, e uma mais perfeita união entre esse

pensamento e a consonancia orchestral que harmoniosamente o acompanha.

Leiam-no os que professam a mesma divina arte; leiam-no os que a não professam, mas que a entendem, e todos, se forem sinceros, e com vozes que sobrepujarão a de algum cão que ladre, o saúdarão como um poeta distincto, e que já é alguem no mundo das artes.

João Penha

HORAS PERDIDAS

INTROITO

Ponho de parte o meu tedio,
o meu somno a um canto arrúmo,
que a tudo me dá remedio
a minha branca odalisca,
que gorgeia em quanto fumo,
e joga commigo a bisca
em frias noites de inverno,
cláras á luz do Falérno!

Eis a vida que me agrada,
feita de risos e beijos,
em vinho fino alagada,
sem chimericos desejos.
Sorri-me tambem no Pindo
das musas o alegre bando,
e os epigrammas cahindo
vão pela terra alastrando.

Nunca estive enamorado
de Lauras, por mais sinceras :
por settas nunca alcançado
do Cupido de outras éras,
não quero ser um Petrarcha,
antes n'um mar de licores,
o remador d'uma barca
de bochechudos amores.

Corre-me a vida ligeira,
corre-me tudo a contento,
a brisa é leve e fagueira,
tristezas leva-as o vento :
cança Martha emquanto fia,
na cinta a roca constante;
antes beber Malvasia
n'uma orgia de bacchante.

Em noites de lua cheia,
em noites de grande orgia,
de braço dado á epopeia,
fiz versos que não faria
se estivesse compungido
e maguado coração:
O Baudelaire é vencido!
Vá por terra o canto-chão!

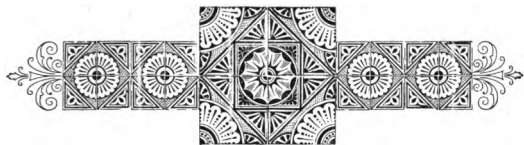
PUDICA

A ABEL BOTELHO

Quando breve na walsa deslisava,
serêno o olhar, pelo salão doirado,
tinha requebros doces, ár de agrado,
no rosto oval, moreno, que abrasava.

Nunca pessoa alguma se cançava
de vê-la: sempre, sem um ar de enfado,
mostrava o collo branco, decotado
á turba que estonteada lh'o fitava.

E prodigos sorrísos destribuia,
olhares de paixão, fallas amigas,
expondo os braços nus a quantos via.

Detestando o pudor, praxes antigas,
por entre os convidados se dizia
que a um Tenorio feliz mostrava as ligas.

VITA DOLORIS

A Leopoldo Machado

Eu tinha ha muito por ti
uma paixão violenta,
amôr que a vida alimenta,
paixão que á mente sorrí.

A sonhar eu concebi,
uma vida doce e lenta,
sem uma unica tormenta,
como em sonhos eu a vi.

E tu nunca mais me olhaste,
nunca, nunca me fallaste,
fiquei-me nas illusões...

Hoje gasto a vida inteira,
em libações de Madeira:
O diabo leve as paixões!

A FIANDEIRA

A JOAQUIM PACHECO

O' pequena fiandeira,
não queiras saber de prantos,
quem te deu tantos encantos?
quem te dá tanta canceira?

Deixa, deixa esses lavores,
ai! dá-te a gosos infindos,
quem tem uns olhos tão lindos
vem ao mundo para amores.

Se o teu coração me diz
o mal que te entristeceu,
pedia á Virgem do Ceu
que te fizesse feliz.

Não recuses o carinho
que te peço: São desejos...
reparte commigo os beijos
que tu dás no branco linho.

Não me sejas tão avêssa;
Diz-me se o teu pensamento
é, nas grades d'um convento,
sêr freira ou madre abbadêssa.

Coitada! e de mim coitado
se nisto anda coisa má,
bruxedo que me fará
toda a vida contristado.

Não mentem teus olhos, não!
eu bem sei que és feiticeira,
lançaste-me, oh fiandeira,
teu feitiço ao coração....

MUGUET

A JULIO FERREIRA

Jamais a dandy algum ella mostrára
seus bellos e alvos dentes de marfim;
custou-me a convencel-a, mas, alfim,
uma entrevista a sós eu ajustára.

Foi um doce colloquio onde eu gosára
toda a delicia de um amor sem fim,
jurando ella viver só para mim,
affecto que eu, tambem, lhe protestára.

Depois, em casa, ao chá, como eu notasse
que todos me apontavam, rindo, a face,
corro ao espelho, e olhar eu mais não quiz!

Só então vi a origem da risada!
De *veloutine* eu tinha a cara empoada
e um pote de carmim sobre o nariz!

SANTA ISABEL

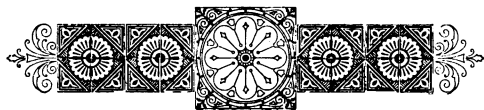
(LENDA CHRISTÃ)

Esbelta, a mais formosa das rainhas
que em todo o ceu da Europa se abrigavam,
tinha raios de luz, dava esmolinhas
a quantos pobresinhos a imploravam;
dava vestidos, joias, dava o pão
a miseros famintos quasi nús;
onde a fome habitava, éra o clarão,
o desejado bem do coração,
éra a doce alegria de Jesus...

Todos a viam nos salões doirados,
em passeios, alheiada e pensativa,
sempre, sempre absorvida em seus cuidados,
scismando em minorar a sorte esquiva
ao orfão desditoso, aos desgraçados.
Sempre, sempre absorvida em seus cuidados,
todos a viam nos salões doirados,
pratas buscando, oiros procurando
para dar ao faminto e ao infeliz,
orando sempre, preces recitando
da alma candida da côr do liz.

E a caridade da rainha santa,
em dar aos pobres,—o seu povo amado—
ia sempre augmentando; e éra tanta
a caridade da rainha santa
que El-Rei, do caso, se mostrou zangado.
Mas a excelsa princeza sempre em zelos
por mitigar a dôr aos desgraçados,
éra sempre absorvida em seus cuidados,
éra sempre absorvida em seus anhelos,
todos a viam nos salões doirados
passear tranquilla, em seu pensar abstracta.
A soccorrer os pobres se consola...
Um dia, de manhã, diz-lhe a açafata:
«Real Senhora, um pobre pede esmola!»

E a formosa rainha, boa e santa,
tira o collar de per'las da garganta
e corre ao desgraçado pressurosa.
Mas, eis que de improviso surge El-Rei
e sevéro, com voz imperiosa:
«Senhora, que levaes ahi!? dizei!—»

Mostrando a esmola para o desgraçado
que em boninas se havia transformado,
a bondosa princeza, em gesto lindo,
abre aos olhos de El-Rei o seu regaço
e com doçura murmurou sorrindo:
«Eu levo flores do jardim do paço...»

MACÁBRA

A Segurado de Mendonça

E no triste abandono em que me vejo
do teu amor esquivo por que anceio,
eu tenho o coração de penas cheio,
mulher, doce mulher do meu desejo !

Sorri-me a vida affavel como um beijo
pensando em ti, meu sonho, meu esteio,
soffro por teu desprezo e neste enleio
de confessal-o, assim, eu tenho pejo!

Nem um olhar, um doce olhar sequer
a mitigar a dôr tão crucial,
commovida me volves e esmoler!

E's tu a causa deste horrivel mal:
e então, eu hei-de dar, se te perder,
um tiro na cabeça... d'um pardal.

A EMBAIXATRIZ

A FERNANDES COSTA

Éra vêl-a, formosa, branca a face,
huri dum sonho e com airoso porte;
nos olhos de nankim a luz fugace,

a todos seduzia: ao fraco; ao forte,
em segredos d'amor, em devaneios,
a marquezes, barões, ao rei e á côrte;

Nas recepções do paço e nos torneios,
sobresahia sempre na belleza
do seu corpo gentil, de lindos seios,

Se ás vezes um assomo de tristeza
a tomava, ou ligeiro abatimento,
todos em roda da gentil marqueza

inquiriam com grave sentimento,
se alguem a desgostára, o que soffria
que assim lhe preoccupava o pensamento.

Então a bella que em taes frases via
as provas de constante adoração,
mostrava os dentes de marfim, e ria.

Nunca em coisas do amor, do coração,
déra ouvidos a algum galanteador:
seria uma deshonra, uma irrisão

contra a fé conjugal, jura d'amor
por ella contrahida. Em casos taes...
éra só o marido... o embaixador.

Sempre fria e serena, ella jamais
vira cortejador, que se sorrisse,
e tinha frases duras para as mais,

de cujo teor de vida entre ella ouvísse
fallar a meia voz. E bem severa
se em falta marital dama cahisse.

Amantes, nunca alguem lh'os conhecera;
mas, em compensação, éra perdida
pelas modas de inverno e primavera.

Andava sempre muito bem vestida;
sêdas caras, velludos côr de liz,
adornos de valôr... coisas da vida...

Tanto assim que, na côrte, a embaixatriz
éra ella a que melhor se apresentava:
éra o écho das modas de Paris.

Nas *matinées* e bailes, se dançava,
Tinha na walsa um garbo especial.
Tudo á moda d'então sacrificava:

A plastica do corpo esculptural,
a cabecita, os hombros, ella toda...
Até, sendo ao marido tão leal,

e como fôsse *tom* na grande roda
as damas terem seus adoradores...
tambem ella quiz têr os seus amores;
não pôde resistir... por sêr da moda.

INGENUA

Elle amava-a doidamente
num arroubo divinal,
e na alcova nupcial,
dava-lhe beijos, fremente.

Num gôso febril, demente,
dizia-lhe: «Oh anjo ideal,
virgem pura, esculptural,
hei-de amar-te eternamente!»

Mas, ficára inerte, absôrto,
quando, num intimo enleio,
e num auge do deleite,

vira horrorisado, morto,
do bico erecto d'um seio,
cahirem gottas de leite!

QUADROS

A CARLOS BRAGA

E pela aridez dos campos dilatados,
lá por onde vão, em ancia insaciavel,
pela estrada fóra, corações maguados,
em dôr mergulhados, em dôr insondavel,
vou eu, vae minh'alma, agora já cansada
em busca d'um olhar, que dê alento e vida,
luz de mulher bella, de mulher amada,
que me purifique esta alma entristecida.

Como um pobre rôto, esfarrapado, nú,
magro, olhar dorido, rosto moribundo,
vou eu, vae minh'alma, vem commigo tu
em busca d'um sonho, sonho d'outro mundo,
á cata d'um ceu da côr da loura esp'rança,
onde a gente volte á primitiva edade,
onde a gente encontre uns olhos de creança
que nos leve d'alma a sombra da saudade.

Ir de valle em valle, outeiro por outeiro,
ir corrêr campinas onde tudo é luz,
correr ao Sinai, por todo um anno inteiro,
do Horeb ao Calvario, onde morreu Jesus,
ir a Chanaan, ir a Jerusalem,
ir vêr terras santas, o Thabor, o Egipto,
vêr praças de Roma, as ruas de Salem,
caminhar errante, alem, pelo infinito.

Sempre caminhando em busca de esperanças,
e sempre a fugir á dôr amargurada,
e só ver tristezas em vez de bonanças,
a alma a succumbir, exhausta, ensanguentada;
pela estrada fóra só ais doloridos
de amantes que choram desgraças, pesares,
de virgens que soltam queixumes sentidos
balladas dos tristes que vão pelos ares!

E o sangue d'auróra que dá vida ás almas,
e o verde dos prados cheios de boninas,
os lyrios, as rosas, os louros, as palmas,
já não têm mavios, canções christalinas.
As urzes dos montes, os casaes d'aldeia,
rebanhos, pastores, mendigos errantes,
cordeiros, regatos, mais a lua cheia
a mim não me fallam de ternas amantes.

Meigas raparigas, de olhos côr de esp'rança,
que cantam alegres pelos campos fóra,
no monte o balar d'uma ovelhinha mansa,
no quintal a toada, plangente, da nóra,
as notas chorosas do pastor na frauta,
o sino da aldeia, tangendo ás Trindades,
o cantar dolente do saudoso nauta,
não me evocam n'alma pristinas saudades.

E voltando exhausto, cansado, ao meu lar,
nos olhos a dôr e no peito a agonia,
e vendo zagaes á tardinha a rezar,
velhinhas mui crentes, á Virgem Maria,
bellas raparigas a lavar na presa,
rouxinoes cantando por entre olivaes,
campinos ceiando sentados á mesa,
não sinto alegria, eu inda soffro mais.

A paz dos casaes, o amor das raparigas,
a esp'rança dos moços, a crença dos velhos,
olhares de esposa, que dizem cantigas,
carinhos de avós, que dizem sãs conselhos,
tudo isto eu quizera e mais bençãos do ceu
que a dôr me levasse e o prazer me trouxesse,
e a felicidade e a esp'rança que morreu,
e á minh'alma vida para que vivesse.

Pelas noites quentes, brancas, de luar,
pelas noites bellas, bellas esfolhadas.
São Miguel nas eiras, moças a cantar,
moços de lavoura, junto ás namoradas,
velhos já cansados de cãs, tez rugosa,
resando devotos, esfolhando espigas,
não dão sangue á alma, vida côr de rosa,
pondo em fuga penas, sepulcraes, antigas?

O bom do reitor a ler no breviario
por manhãs de inverno, manhãs de sol quente
e no alto da egreja o esguio campanario
que diz melodias para a pobre gente;
nos campos despidos, trabalhando arados,
creanças alegres, de pés nús, sadias,
correndo contentes lá pelos eirados
despertam nas almas doces alegrias.

Pobresinhos rotos, de olhar magoado,
mendigando esmolas aos bons lavradores,
ovelhas pastando, vallado em vallado,
guardadas de longe pelos seus pastores;
na fonte á tardinha palram as Marias
com bilhas de barro, olhares feiticeiros,
têm vozes que encantem, doces melodias:
são quadros serênos, risonhos, fagueiros.

Morenas alegres, gentis, divinaes,
morênas, ó fadas, ó moças singellas !
feiticeiras lindas que ao luar dobaes,
por noites de estio, de luar, tão bellas,
dizei-me cantigas e coisas de amor,
levae a minh'alma pelos sonhos fóra,
levae a minh'alma no vosso fulgor.
levae-a da sombra para a luz d'aurora.

GALATÊA

A Alfredo Gallis

Loira e formosa, mais que a grega Helena,
gracis contornos e de jaspea mão,
não evocava em nós uma visão,
se fallava do amôr, a doce pena.

Nunca sentira, gélida e serena,
os transportes febris do coração:
sentiria as censuras da razão,
sem lhe tornar a vida mais amena.

Mas esse estado teve, alfim, jazida
em um beijo d'amor: e assim vencida,
seguira ardente no encetado trilho.

E nesse instante com tal fogo amára,
no lance estonteador tanto gosára,
que d'esse beijo déra á luz um filho.

A NUVEM

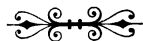
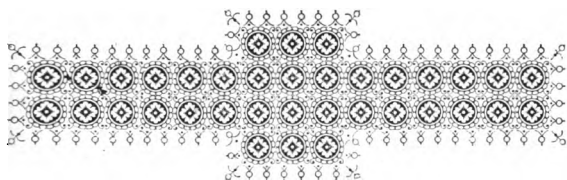
A Trindade Coelho

Era loira e bonita, a mais galante
de quantas neste mundo eu tinha visto,
á fé o juro; e isto
com doze annos apenas; insinuante,
ingenua, sonhadora,
queria sêr senhora.

A's tardes no jardim, colhendo flôres
de corollas azues e mal-me-queres
fallava-me d'amores
a vêr—o que eu pensava das mulheres?—
e cheia de rubores
com timidez e enleio, perguntava
o que eu pensava d'ella, se eu a amava?

Que sim! que era o meu sonho, a minha esp'rança,
toda a minha ambição;
que apesar d'ella sêr uma creança,
todo eu lhe pertencia,
todo o meu coração,
a ella que tinha o nome de Maria.

Eram gosos sem fim, doces idylios,
tardes primaveris,
em que ella descerrando os loiros cilios,
me olhava apaixonada
com seus olhos formosos como hurís,
timida, embaraçada;
e quando eu lhe dizia que a adorava,
á linda primavéra,
e lhe pedia um beijo, ella corava,
ella que outrróra a mim tantos me déra!

Uma tarde encontrei-a,
com olhos de chorar,
e de magua a alma cheia
por occulto penar.
Que dôr teria a minha sonhadora?
E a mãe do peitoril d'uma janella,
alheia ás nossas relações d'agora,
contou, sorrindo, que ella
andára ás bulhas com o mano Zéca,
que ha pouco mais d'uma hora
lhe partira a bonéca...

PRECE

Neste dulcido amôr, que nos devóra,
é sempre meu constante pesadello
vêr-te triste soffrer; soffrer embóra
nossas almas enlace o mesmo anhelo,
nos guie a mesma bússula fagueira;
é sempre meu constante pesadello
o padecermos uma vida inteira
sem haurirmos o sonho desejado,

por nossas almas, virgem presentida,
sônho que Deus já tem abençoado:
se te amo tanto, amôr da minha vida!

Mas embóra esta dôr que nos tortura,
nos encha o coração de tanto mal,
creança! has-de sêr minha! que ventura!
hei-de sêr teu! creança divinal,
e quebraremos de uma vez os élos
que separam a minha da tua alma,
e hão-de prender-nos, hão-de, os teus cabellos
para levarmos uma vida calma,
e não têrmos constantes pesadellos;
levarmos uma vida enamorada,
dôces arroubos de um prazer ardente
que nos cante uma lubrica toàda
de beijos e de amôr, eternamente...

Não deixes, não, murchar as frescas rosas
do nosso amôr, das almas venturosas;
faz do teu coração o teu sacrario
das tuas orações, das tuas rezas;
do teu retrato eu faço um relicario,
e as nossas almas sempre estarão presas;
és a santa das minhas devoções,
eu de ti hei-de ser o anjo da guarda,
e então nossos desejos e illusões
num bem hão-de mudar-se, que não tarda!

Não deixes, não, murchar as frescas rosas
do nosso amôr, das almas venturosas!

VÁ!...

Por tua causa, donzella,
levo a vida num desejo,
num sonho que nunca vejo
despertado da procella.

Assim, como hei-de eu viver,
uma vida bonançosa,
uma vida côr de rosa...
se és de granito, mulher!

MARTHA

(*Villancete*)

A JULIO DANTAS

De tanto vêr-vos, senhora,
e aos vossos labios rosados,
eu tenho os olhos cansados.

Eu sei de muitas bellezas,
de rosas e de amaranthos,
de beldades e princezas
de quem se dizem encantos;
porem, não sei de mulher,
que reuna tantos agrados,
pois que de tanto vos ver,
eu tenho os olhos cansados

Dizem que ha virgens no ceu,
lindas virgens seductoras,
lindos anjos, creio eu,
de olhar doce, tentadoras...
mas, não como vós, senhora,
com esses labios rosados,
que de olha-los hora a hora,
eu tenho os olhos cansados.

Sois a formosura eleita
na cathedral do prazer,
o sonho que me deleita,
sois a mais linda mulher
neste calvario de escolhos,
pois que, a sonhar em noivados,
de tanto vêr vossos olhos,
eu tenho os olhos cansados.

O PÔMO

A Balthazar Castiço

Era linda e delicada,
toda ingenua, airosa e pura,
uma doce creatura
como a virgem celebrada.

E por todos requestada,
era aquella formosura,
um milagre da natura
naquelle corpo de fada.

Desejei-a com vehemencia,
com furor, e conquistada
tomar-lhe o gosto e mais nada,
devorar-lhe a fina essencia.

Mas não. A bella, coitada,
os meus protestos ouviu;
gostou de mim e caiu:
Do resto não digo nada.

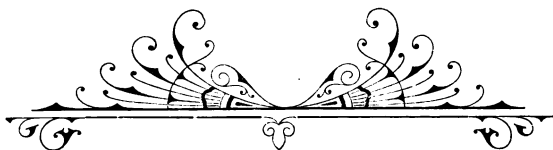
Mas, horrivel decepção!
Aquelle anjo idolatrado
tinha o pômo abocanhado
por dentes d'um outro Adão!

RIEN POUR RIEN

Ella

Senhor vate, faz favor
de escrever um madrigal,
uns versos lindos, de amôr,
coisa pouco trivial
nas varêtas d'este léque;
versos bonitos, de geito,
que a lél-os minh'alma péque,
versos que não tenha feito.

Elle

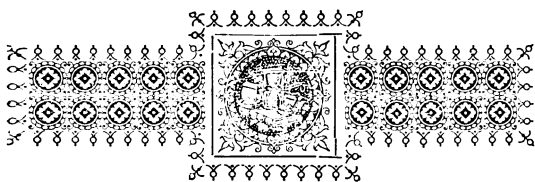
Pede-me versos d'amôr,
a mim, coitado, que espanto!
a mim que me escorre o pranto
de já não lhe achar sabôr!
Mas não ha que resistir;
farei, solemne e augusto,
tudo quanto me pedir;
até versos em latim,
dando-me em paga... o custo
d'esses dentes de marfim.

ESTUDANTES E HESPANHOLAS

(Num jornal academico celebrando a independencia de Portugal)

Os feitos celebrar de almas gigantes,
a Gloria, a Fama, os vultos exalçar
é dever luso, hymnos consagrar,
aos homens immortaes da patria amantes.

A grandeza e o valôr de eras distantes,
devemos, portuguezes, festejar;
num throno erguido os grandes collocar,
vós os primeiros, vós os estudantes!

Mas, sois jovens e é louca a mocidade!
Não deixeis de lembrar a heroicidade,
que a todos hoje, e sempre nos consola!

Que um de vós, hoje pófugo na América,
chegou a proclamar a *união-ibérica*
entre os braços gentis d'uma hespanhola!

COISA POUCA

Dás-me um beijo, creança?
Minha esp'rança!
Dá, dá, não tenhas pejo:
Dá-me um beijo!

Dá-mo na bôcca, dá!
minha flôr!
Um beijo dos teus, vá!
meu amôr...

Um beijo só, a ver!
doce bem!
Um só, que é de morrer,
por mais cem!

O SEGREDO DO ROUXINOL

A JOÃO PENHA

Por vallados e caminhos,
de monte em monte saltando,
entre pinhaes, por azinhos,
entre moitas, caminhando
ia um moço caçador,
moço dos annos em flôr,
um moço conquistador,
que á falta de codorniz,
d'um coelho ou d'uma lebre
de veado ou de perdiz,
dizia ás moças, com febre,

cheio d'um intenso amôr,
phrases doces, de primor,
de effeito arrebatador.

Ia-lhe mal a caçada :
por entre moitas e prados,
sem lebres e sem veados,
desde a luz da madrugada,
nem aves de revoada
lhe surgiam dos montados,
dos arvoredos ou prados.

Ia nisto o caçador,
o moço conquistador,
pelos campos de boninas,
outeiros e tremedaes,
ao som cadente das aguas
deslizando crystalinas
qual alma cheia de maguas,
ao longo dos sinceiraes ;
quando de clareira umbrosa
entre a balsa rumorosa,
escuta a voz sonorosa
dum travesso rouxinol,
que de rama em rama salta :

Era um canto em si bemol
do cantar que na ribalta
saudava o nascer do sol.

Sentado á fresca, o donzel
debaixo da carvalheira
ouvia o canto de mel,
que lhe vinha de tropel
lá de cima da balseira ;
sentado á fresca o donzel
debaixo da carvalheira,
escutando o rouxinol,
junto da fresca ribeira,
onde mal entrava o sol ;
elle e a sua perdigueira
gostavam da brincadeira.

E o melodioso cantor,
satisfeito e jovial,
dizia cantos d'amôr
d'entre as folhas verdejantes,
em trinados de crystal,
em gorgeios doudejantes,
ás urzes do matagal,
mais aos prados de boninas,
ás searas das campinas,

6

á magnolia, ao gyrasol;
cantava sempre, cantava,
pelo espaço que o escutava,
pelo espaço que encantava
o travesso rouxinol.

Neste torpor embalado,
e no chão a caçadeira,
do sol o moço abrigado,
n'um velho tronco assentado
viu marrar-se a perdigueira
muito ao longe da ribeira,
e logo, logo, açodado,
salta lesto, de fugida;
deixa o cantor que trinava,
a vêr se assim encontrava
a tal caça presentida.

Num instante, num momento,
o caçador donairoso
caminhando, de ôlho attento,
afogueado, pressuroso
passando alem da ribeira,
encontrou a perdigueira,
ao pé d'um rosto formoso;
uma linda tecedeira,

tecendo teias de linho,
tão linda que, feiticeira,
com suas faces d'arminho
par'cia tambem do linho
que tecia a tecedeira.

—«Bons dias, menina e bella!»
—«Deus o salve, ó caçador!
«Vem procurar a cadella?»
—Venho buscar-vos, amôr;
«mendigar-vos um olhar.
«Que me importa a perdigueira...
«Busco a dona do tear.»
—«Não vale a pena a canceira,
«passar áquem da ribeira
«saltar vallados, caminhos,
«passar montados, azinhos,
«por causa da tecedeira,
«da tecedeira dos linhos!»
—«Não é tanto assim, donzella.»
—«Ai! leve, leve a cadella!»
—«Não vou sem vêr satisfeita
«a ardencia por que eu anceio,
«esta paixão que deleita,
«que está sendo o meu enleio.»
—«Adeus, adeus, que gracejo!
«parta e mais a perdigueira!»

—«Ria-me, não tenha pejo,
«antes d'ir cá da ribeira
«quero pedir-lhe um favor.»
—«Se é só esse o seu desejo
diga, diga, meu senhor.
—«Eu quero pedir-lhe um beijo...»
—«Essa agora, caçador!»
—«Vá, que eu sei guardar segredo
«Um só beijo!...»
—«Não senhor.»
—«Satisfaça o meu pedido...»
—«Tal graça não lhe concedo,
«tire d'ahi o sentido.»

Mas, tanto rôgo e caricia
fez o caçador á bella,
que perdeu a pudicicia
sem que ao beijo resistisse:
ai! centos daria ella
e centos, se lh'os pedisse!

E o alegre cantor das balsas
tinha vindo, de surpreza,
gargantear lindas walsas
de Strauss, ali na deveza,
por cima da tecedeira,
occulta na trepadeira.

A tecedeira do linho,
disse então ao caçador,
branda, com ár de carinho :

—«Tome lá conta o senhor!
«com essas fallas d'amôr,
«não vá ouvir o cantor
«que as pode ir além cantar,
«em cima d'aquelle oiteiro;
«pode-as cantar ao luar;
«cantal-as ao desafio,
«com as aguas do ribeiro,
«com o murmurio do rio,
«e ficar sabendo a rosa,
«mal-me-quer e gyrasol,
«a cigarra, a mariposa,
«a bonina, a gilbarbeira,
«da bocca do rouxinol
«segrêdos da tecedeira.»

—«Não receie a feiticeira
«do cantor a inconfidencia:
«vou roubar-lhe mais um beijo...»
—«Isso não, tenha paciencia,
«satisfeito o seu desejo,
«de já têr roubado um beijo

«deixe em paz a tecedeira
«parta e leve a perdigueira.»

Logo, logo, sem emenda,
depois de fallas d'amor,
depois de fragil contenda,
vira de cima o cantor
das balsas, por uma fenda,
negro melro luzidio,
tão negro que o rouxinol,
provocou-o ao desafio,
num canto todo arrebol.

E emquanto em cima cantava
com sonoroso amavio,
ao som da briza e do rio,
o negro melro espreitava
o que em baixo se passava,
e de ser negro chorava!

Ia findar a manhã,
quando o caçador arteiro,
ao canto do sabiá,
que o rouxinol imitava,
ia deixar o balseiro.

A viração murmurava,
e disse então, com tristeza:

—«Bons dias, ó camponeza!»
—«Bons dias, ó fidalguinho!
«volte a ver a tecedeira,
«a tecedeira do linho,
«volte, volte, venha cêdo.»
—«Hei-de vêr-te, feiticeira;
«se o cantor guardar segredo,
«hei-de vêr a trepadeira,
«que engrinalda essa janella.»
—«Volte a vêr a tecedeira
«que por si morre d'amôr.»
—«Bons dias, menina e bella!»
—«Deus o salve caçador!»

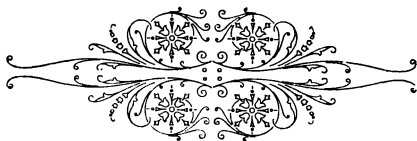
NA TEIA

A ALFREDO SERRANO

Consuelo, a de Andaluzia,
quando eu a vejo na rua,
aguilhoa como pua
a paixão por que eu morria.

Noutros tempos mal sabia,
que me diria: «Sou tua!»
e que apaixonada e nua,
doida, se me entregaria.

Hoje é flôr já sem fragrancia,
para mim, mas com *saléro*
e gentil, com elegancia.

E diz-me quando a não quero,
cingindo-me a si com ancia:
«*Ai! muero porque no muero!*»

O SAHIMENTO

A BULHÃO PATO

Os sinos tocam a fésta,
não tarda o senhor prior,
e o pobre anjinho sem côr
parece que dorme a sésta.

Que bonito que elle está,
no seu caixãosito azul,
cheio de rendas de thul,
já não sorri á mamã.

Vae de Menino Jesus,
com vestido de setim,
rosto branco de marfim,
nas mãositas uma cruz.

Choram todos em redor
do pequenino caixão,
não ha nenhum coração,
que não sinta magua e dôr.

Cobre-o a mamã de flores,
com os olhos rasos d'agua,
parece, cheia de magua,
Nossa Senhora das Dores.

Tocam alegres os sinos,
vae fugir o rubro sol,
na deveza o rouxinol
gorgeia cantos divinos.

E lá vae a procissão,
conduzindo o pobre anjinho,
tão branco, branco de arminho,
no pequenino caixão!

NA CÊRCA

A ANTONIO SCHIAPPA

Entre a espessura verde, a mente esquiva,
ás horas em que o sol desapparece,
lia as Horas Mariannas, sem que as lêsse
n'uma doce postura, compassiva.

Em suave morbidez, fronte expressiva,
de pupillas azues loira, de messe,
tinha suspiros de fervente prece
por quem lhe desprendesse a alma captiva.

Sonhava. De repente é despertada
do vago meditar, da oração,
pelo arrúlhar de uns pombos; e animada,

ella, a noviça, opprêsso o coração,
implora aos ceus, de face consternada,
soccorro contra a meiga tentação.

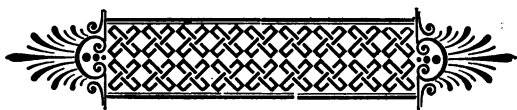
ANTES OU DEPOIS

A TRINDADE COELHO

Abatida e languarosa
a fronte branca pendida,
parecia succumbida
a grande dôr, desditosa.

Entre as rendas, vaporosa,
vi rolar-lhe estremecida,
uma lagrima cahida
da sua face formosa.

Perguntei-lhe sensitivo:
«Foi elle que a abandonou?»
«Foi elle, foi, fugitivo!»

«Não chore: Seu noivo sou!»
«Mas tem de sêr o adoptivo
do fruto que elle deixou.»

CHIMERA

A VILLELA PASSOS

Velha acabrunhada, pelo valle em fóra
lá vae caminhando com exhausta vida,
pobre mulherinha, que ao nascer da auróra,
logo se levanta a murmurar sentida,
preces de descanço, queixas de hora em hora.

Caminha, caminha, resa junto á Cruz,
caminha, caminha, mendigando esmóla,
e se resa á Virgem, mendigando luz
não encontra alivio, ninguem a consóla,
nem o Santo-Lenho onde morreu Jesus.

O raiar da auróra, o canto dos pardaes,
o passar da brisa sempre a ciciar,
rouxinoes cantando pelos roseiraes,
tudo a deixa triste, nada a faz parar,
caminhando sempre. soluçando ais.

Dolorida, triste, sempre e caminhando,
não encontra amigos que lhe deem pão,
sempre triste, triste, sempre soluçando,
sempre triste, triste, mésto o coração,
sempre maguada a pobre vae andando.

Mas, olhae! Reparo: A pobresinha errante,
é gentil, é nova, no vigor da vida,
de certo que busca um ideal distante,
nota-se no rosto, a vida amortecida
de quem soffre immenso, n'um gemer constante.

Anda vagarosa, vae acabrunhada,
face macilenta, encosta-se ao bordão,
pobre sensitiva, vae esfarrapada,
sempre triste, triste, mésto o coração,
pobresinha errante não encontra nada.

Seu todo serêno vae agonisante,
sem luz e sem vida, sem ár e sem pão,
o pão que ella busca sempre a cada instante,
o pão que procura, pobre, sempre em vão,
sempre ao longe foge, que é visão distante.

E se pede aos homens, cospem-lhe nas faces,
vomitam-lhe insultos, atiram-lhe lama:
Vae, soffre calada, mas, alem não passes,
lançam-te ironias, não te veem a chamma
que te inflama o peito, para alem não passes!

Tu não ves o mundo, embriagado, infame,
diffamando os pobres, insultando irmãos,
vota-lhe o desprezo, nem que por ti chame,
nem que te sorria, são sorrisos vãos,
anda sempre, sempre, nem que por ti chame.

Mas, a vida assim atroz, angustiada,
ruim, cruenta vida, ai! deixa de sêr vida!
é lenta agonia, mais e mais pesada,
cançada existencia, quasi succumbida,
é lucta de morte, atroz, desesperada!

Se murchas as rosas da tua existencia,
não tens um porvir de fulgente bonança,
oh alma de luz ! angelical e terna,
teu soffrer acaba ; tem, alfim, esp'rança,
esta vida é um sôpro, e a vida, alem, eterna !

REI DE THUL

A Candido de Figueiredo

Na alcova, gemebundo, em sedas e doirados,
em convulso estertor e de magua desfeito,
reclina a fronte o rei, no dolorido leito,
exhangue, torvo o olhar, em telas e brocados.

Memóra d'outro tempo o seu prazer jocundo,
a fausta vida, o amôr, o sonho immaculado,
o sonho que expirou, o sonho do passado,
exhausto o coração, o rôsto moribundo.

E n' [illegible] seu mar, [illegible].
[illegible] com fervor a taça byzantina
que d'elle acompanhara a vida libertina
em [illegible] e em luto.

Quasi apagada a vida e louco a delirar,
envolve n'um adeus, adeus saudoso e mêsto
a taça, a companheira em alegria, e prêsto
agita-a n'um esforço e lança-a ao tôrvo mar.

O incenso do thuribulo, o maguado threno
descera ao camarim, ao amoroso rei,
lá quando, a succumbir da natureza á lei,
o mar tragando a taça, elle expirou sereno.

O PRIMEIRO PASSO

A ANTONIO SOARES

Tão branca e fina, seductora e bella,
das mais formosas descendentes de Eva,
sem que a face ao carmim nada lhe deva,
tem aspectos de freira em triste cella.

Sempre o rosto sem côr, pallida estrella,
dos bellos typos medievaes coeva,
é de marfim aquella filha de Eva,
pintura de Murillo, em rara tela.

Em toda a côrte dos leões das salas
—segreda a turba fatua,— nunca amou;
ninguem gosára as suas mansas fallas.

Porem, de mim, parece que gostou:
E quando no walsar, mettido em talas,
lhe suppliquei um beijo, então, corou!

PARCE SEPULTIS

A ALBERTO PINHEIRO

Se no febril tumultuar da Sorte,
doces momentos de prazer tivesse,
infindos gosos mil eu conhecesse,
com teu amor em lubrico transporte;

No ruim cortejo de revezes forte
seria, alfim, para que não morresse,
sem que a luz dos teus olhos me embebesse,
e não me visse a braços com a Morte.

Mas, tudo jaz sepulto. Esta existencia
arrastada aos baldões entre escarceus,
um linitivo tem, uma demencia.

É lembrar-me que um dia, um dia! oh, ceus!
lá na vala commum, com impaciencia,
irão meus ossos reunir-se aos teus.

TEUS SEIOS

(Villancete)

A TEIXEIRA DE QUEIROZ

Embora em sêda escondido,
o vosso collo tenhaes,
eu sei o que lá guardaes...

De que vale a faille, a sêda,
esse brocado, o velludo
que vos cobre o seio, lêda,
se os meus olhos veem tudo,
senhora dos meus desejos?...

São dois pombos divinaes
que ás vezes soltam adejos...
eu sei o que lá guardaes...

Entre rendas de Veneza,
entre rosas abafado,
eu sei que tendes, belleza,
o sonho por mim sonhado,
vosso collo desejado,
que, recatada, abafaes,
que apesar d'um tal cuidado,
eu sei o que lá guardaes...

Nós vamos fazer, senhora,
uma aposta singular,
a de que adivinhe agora,
se, n'esse collo,—um altar
das minhas adorações,
ninho que tanto zelaes
e de tantas illusões,—
eu sei o que lá guardaes...

A CIGANA

A Henrique Lopes de Mendonça

Passo os dias pensativo,
pesaroso, contristado:
eu tenho um mal abafado
que me traz soturno e esquivo.

Já não acho graça á rosa,
aos ribeiros prateados,
e o sol de raios doirados,
torna-me a vida chorosa.

Pobre de mim, que definho
nesta dorida agonia!
passo a noite, passo o dia,
a afogar a magua em vinho!

Mas, nada d'isto me cura
a paixão que me devora
uma idea a toda a hora
me persegue e me tortura.

Não sei que coisa me deu
quando eu a vi. Desde então
não tenho alegria, não,
não tenho descanço, eu!

Era uma noite formosa,
e noite de lua cheia:
Ia ao acaso: Encontrei-a,
seductora, affectuosa.

Tinha os olhos de velludo,
a tez do rosto trigueira,
e passei a noite inteira,
a vêl-a, que doce estudo!

Negras, bem negras, as tranças,
tinha de marfim os dentes,
e nas palavras frementes
a doçura das creanças.

Éra uma linda cigana,
de belleza peregrina;
andava a pobre menina
n'uma grande caravana.

Cantava por esses ares
uma triste melopeia,
egual á voz da sereia,
que vem das ondas dos mares.

Nas mãos trazia um pandeiro,
que tangia tristemente;
eu inda tenho na mente
seu lindo rosto trigueiro.

Era um idylio fagueiro,
melodia que encantava,
o que a cigana cantava
ao som d'aquelle pandeiro.

Perguntei-lhe d'onde éra,
se éra no mundo feliz,
disse-me não ter paiz,
nem pae nem mãe conhecera.

Inda muito pequenina,
viu-se um ente vagabundo,
pelos caminhos do mundo,
abandonada e franzina.

Perdera a mãe na Judeia,
o pae morrera em Italia,
e indefeza como a dhalia
vinha de aldeia em aldeia.

E seguindo a caravana,
por villas e por cidades,
quasi morta de saudades,
andava a pobre cigana.

Isto foi junto da fonte
do logar da minha aldeia,
quando ouvi a melopeia
que me fez pender a fronte.

Apiedei-me da coitada,
da sua sorte e desdita,
da sua raça maldita,
do que não era culpada.

Mais alem, n'uma clareira,
descançava a caravana,
e perto d'uma cabana
via-se enorme fogueira.

Vinham no ar umas vozes
d'essa raça aventureira,
e uns urros, á nossa beira,
de alguns animaes ferozes.

E as nossas fallas d'amor,
éram só interrompidas
por essas vozes perdidas,
por essas vozes de horror.

Disse-lhe coisas sem fim,
chamei-lhe garça real,
e a pobresita, afinal,
dizia a tudo que sim.

Perdido de amor por ella,
dei-lhe nos labios um beijo;
percebeu o meu desejo,
pagou-me com outro, a bella.

Queria sêr minha amante
n'aquella noite, coitada!
tinha um ar de contristada
a linda pequena errante.

Dei-lhe abraços sensuaes,
abriu-me o seio vencida,
tive a cabeça perdida
e depois... não digo mais.

Era tempo de partir
e juntar-se á caravana,
vae a linda da cigana,
diz-me *adeus*, deita a fugir.

Bem depressa a vi surgir
no meio do acampamento,
logo d'ahi a um momento
vem-me á cabeça lá ir.

Mas, não fui, pobre de mim!
não fui porque tive medo,
só se o fizesse em segredo,
e assim visse o cherubim.

E partiu a caravana
para terra muito longe,
eu fiquei qual triste monge,
sem a linda da cigana.

Depois n'aquella clareira,
nada mais vi que os signaes
das cinzas, e nada mais
do crepitar da fogueira.

E quasi perco a rasão
se tenho, quente de enleio,
nos olhos seu bello seio
e as fallas no coração.

SONHO DESFEITO

A ADOLFO MADUREIRA

Quando ao piano te via
como do mundo alheada,
de Chopin enamorada,
ou de estranha symphonia;

quando máis tarde eu sabia,
que ao Bourget eras votada,
suppus-te um anjo, uma fada!
mas, depois... quem tal diria!

Vi-te amar um anno inteiro
—como um sonho pouco dura!—
um rotundo merceiro!

Ai! perdi toda a ventura!
Nem o Icaro ligeiro
deu queda maior, mais dura!

LUZ E SOMBRA

Que bella mocidade, que fulgor!
que petalas brilhantes e viçosas!
que perfume exhalado pelas rosas,
vem dos campos, dos montes em verdor!

O sól radioso sobre a terra esplende;
vão arroios fugindo e murmurando,
ouvem-se os passarinhos chilreando,
um dúlcido langôr á alma ascende.

A romã e o lylaz, doces aromas
reunem aos dos flóridos pomares;
os rouxinoes gorgeiam pelos ares
uns ternos hymnos, d'entre as verdes comas.

Que embrigante odôr n'aquellas eiras,
nos pinheiraes, na azenha sussurante!
a roseira parece do Levante
uma noiva a sonhar noites inteiras.

A côr de leite, de que o liz se tinge,
que a lua entorna a flux por entre as sombras;
anda nos alcantis e nas alfombras
a revestir visões de branca estringe.

Vae cantando o ribeiro ao desafio
com o chiar dos carros pela estrada;
zunem abelhas desde a madrugada;
cantam cigarras ao calor do estio.

Tudo luz, tudo bello e sorridente,
por toda a parte a vida, alma e ventura !
eu, porem, nesta luz sou nódoa escura :
se o rosto diz que sou ditoso, mente !

INDICE

OBRAS DE ALBERTO DE MADUREIRA

Ave-Marias (verso) com um prefacio por Alberto Pinheiro. . . . . 1 vol. 18

A Jornada da India (poema) illustrado com o retrato de Vasco da Gama . . . . 1 vol. 189

Horas Perdidas (verso) com um prefacio por João Penha. . . . . 1 vol. 189

PARA BREVE:

Chrónicas do amôr (contos)

A SEGUIR:

Noemia (poema)
Pelo meu paiz (Notas de um observador)